

LEMBRANÇAS DA ESCOLA E O RETORNO A SI: APRENDENDO A MORAR E A INSCREVER NA ALMA

Carlos Roberto da Silveira¹

Temos que descobrir uma construção e explicá-la: seu andar superior foi construído no século XIX, o térreo data do século XVI e o exame mais minucioso da construção mostra que ela foi feita sobre uma torre do século II. No porão, descobriram fundações romanas e, debaixo do porão, acha-se a caverna em cujo solo se descobrem ferramentas de sílex na camada superior, e restos da fauna glaciária nas camadas mais profundas. Tal seria mais ou menos a estrutura de nossa alma.

(GASTON BACHELARD, in CARL GUSTAV JUNG).

Considerações iniciais

Este trabalho alude a violência no ambiente escolar e refere-se às lembranças do passado, num retorno a si. Aqui, trata-se de um fato ocorrido em uma instituição escolar, cujas lembranças se fizeram presentes quando de uma atual visita a esta escola. As análises buscam no aporte teórico filosófico, uma forma de aprender a morar em si através das leituras e reflexões de certas obras, em especial, *A poética do espaço* de Gaston Bachelard e o *Fedro* de Platão. Dessa feita, tais lembranças afloraram no corpo e na alma, cujas moradas ao serem revisitadas em seus cantos e encantos, vai aprendendo a morar em si mesmo.

Na obra *A poética do espaço*, vemos que o autor aponta que a “nossa alma é uma morada e quando lembramos das casas, dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos” (BACHELARD, 1978, p. 197). Ele alude um texto de Carl Gustav Jung, de que temos que descobrir tal construção e explica-la, isso desde as suas torres, porões, fundações, cavernas, até as camadas mais profundas de seu solo. “Tal seria mais ou menos a estrutura de nossa alma” (BACHELARD, 1978, p. 196). Sendo a alma uma morada, lembrar da escola é lembrar de outra morada que se constrói em nossa alma. Assim sendo, a escola deve ser o espaço de abrigo e proteção, um ninho no mundo, um ambiente de projeções, de sonhos e devaneios, de humanização e riquezas íntimas, de boas recordações e construções.

Na obra o *Fedro*, vemos que o educador Sócrates ao “cuidar de si”, procurou cuidar do outro. Desperta o seu discípulo ao contrapor o discurso escrito por Lísias, a do logógrafo, que como tal, era um discurso, uma espécie de semente plantada no Jardim de Adônis que germina em poucos dias e logo fenece. Cuidar de suas sementes, confiá-las a um “terreno apropriado” e vê-la germinar com perfeição é a missão do educador e da escola. Nesse sentido, a educação deverá ser sempre um construir jardins e moradas, um aprender a morar e inscrever as coisas mais preciosas na Alma.

¹ Universidade São Francisco, Itatiba-SP. E-mail: carlosilveir@yahoo.com.br.

Lembranças da escola e um retorno a si

Num processo arqueológico, de “topoanálise” (topografia do íntimo, segundo Bachelard), o retorno recente a uma determinada Escola Estadual, trouxe à lembrança a imagem de uma criança de oito anos, que com os olhos lacrimejantes e o rosto todo sujo de pó de giz, deixou a sala de aula correndo rumo ao banheiro e foi lavar-se para retirar a fuligem, ou melhor, amenizar a dor provocada por uma professora que com o bater insistente do apagador sobre seu rosto, conseguiu acender algo naquele instante e, que com o tempo, isso foi apagado (dívida)². Mas tal ato, também manteve aceso na lembrança, lembrança esta, a de não entender o porquê de tanto ódio. Ele apenas havia recusado a “uma ordem”, a de ir até a lousa. Tinha seus motivos: era uma criança tímida; recém-chegada à escola, a sua nova casa. Porém, tal casa, ainda nova, desmoronou. Os moradores que lhe eram estranhos, mais estranhos se tornaram, pois as gargalhadas foram como espinhos que lhe feriram a alma. O banheiro foi o ninho, o refúgio para aquele momento. Mas de repente o garoto ouviu uma voz: “Oh! Menino porque choras? Não fique assim!”, disse-lhe outra professora. Seguiu-se um beijo na face ainda suja, molhada e um abraço apertado. Os dois de mãos dadas caminharam juntos para outra sala de aula e, era preciso reconstruir e reaprender a morar.

Aprendendo a morar e a inscrever na alma

Segundo Bachelard é na “explosão de uma imagem” que os ecos de um passado irão propagar, pois ecoam das profundezas ontológicas no “momento em que emerge na consciência [a imagem] como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (BACHELARD, 1978, p. 184). Aqui, para este momento a imagem é a da Escola, chamarei de “casa-escola” como sendo a casa em que se mora, casa de valores humanos, fatos reais, espaços de proteção para o corpo e a alma humana, ou seja, maternidade da casa-escola. Esta é o “canto mundo”, um dos nossos universos primeiros, mundo primeiro de encontros e socializações, de um habitar humano numa “poética de espaço”, em que se deve ou deveria viver “a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 1978, p. 200). Lembrar e sonhar a casa natal é recordar os cantos, espaços de medos e de ambientes de proteção. Dirá Bachelard (1978, p. 202) que é devido à casa que um “grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados”.

Para Bachelard (1978, p. 206) é graças à casa que nossas lembranças são guardadas (casa da lembrança, casa ninho, digo casa-escola) e “os valores da intimidade aí se dispersam, não se tornam estáveis, passam por dialéticas”. Assim a casa, aqui, digamos a escola, certamente se

² Paul Ricoeur, em *O perdão pode curar?*, *Revue Esprit*, nº 210, 1995, p. 77-82, escreve que os fatos do passado jamais são apagados, não se pode desfazer o que foi feito ou deixado de fazer, mas o que foi feito ou sofrido, não se estabelece de uma vez por todas. Os acontecimentos ficam abertos para novas interpretações, promovem reviravoltas em nossos projetos, devido as lembranças, acertos de contas com o passado. Assim, o que do passado pode ser modificado é o peso da dívida, a carga moral. Dessa forma, para ele, a lembrança nos impulsiona para a via do perdão, pois revela um caminho de “libertação da dívida” através da conversão do próprio sentido do passado. Dirá Ricoeur: “Esta acção retroactiva, do olhar intencional do futuro [sentido ético] sobre a apreensão do passado, encontra então um apoio crítico no esforço por contar de outra maneira e do ponto de vista do outro os acontecimentos fundadores da experiência pessoal ou comunitária. O que vale efectivamente para a memória pessoal vale também para a memória partilhada e, acrescentaria, igualmente para a História escrita pelos historiadores” (Cf. HENRIQUES, 2005, p. 38).

inscreve em nós, tem seu cantos, desencantos e encantos, pois da infância esta permanece viva, quer nos péssimos momentos ou nos felizes (topoanálise)³.

A casa guarda seus segredos e, quando se retorna a esta, o tempo flui neste espaço de passado-presente e as imagens brotam com tanta força quanto às águas que se fartam nas fontes nos períodos das chuvas. Esta casa possui estâncias “ter-mais” próprias. Ao primeiro olhar surge uma casa-escola simplesmente e em seguida emerge a casa-instituição. Nestas vem à tona, memórias boas e ruins. No entanto, desta última, veio primeiro à mente a agressão de uma professora, que com o apagador sobre o rosto de uma criança, num ato de violência física, se utilizou de um dispositivo para o governo da sua sala de aula. Este exemplo real, o não acatar “a ordem” da professora era ir contra o disciplinamento do processo educacional que formatava o aluno.

No entanto, a casa-escola-instituição guarda seus segredos e sons. É possível escutar seus lamentos. O choro contido da sala de aula descobre na solidão do banheiro um espaço de liberdade para aliviar-se. Liberdade esta, ligada à solidão proporcionada pelo espaço-refúgio. Um corpo disciplinado a procurar pela liberdade de expor suas emoções em um espaço, onde o momento emocional não possa ser medido pelas outras pessoas. Um banheiro, um porão, para aquele que já fora julgado pela professora e pelos risos dos colegas de classe.

Certamente que, além do disciplinamento marcado no corpo, a ação da professora deixou suas marcas na alma, em uma memória que não compreendia o ódio na não aceitação em cumprir uma ordem, de poder dizer o que emocionalmente sentia através do silêncio que o seu corpo enunciava; um dizer verdadeiro para essa criança, um dizer sobre a sua timidez perante um ambiente novo e desconhecido; um dizer que se enunciou como resistência sob os olhos da professora. Assim, o *alter* tornou-se *alienus*, estranho, coisificado diante de uma ordem não cumprida na qual a violência se legitimou como verdade.

Em seu dizer-a-verdade, o menino trouxe a luz dois discursos: um através do seu silêncio, da solidão do banheiro e das lágrimas que lhe escorriam pela face; outro a escola, seja pelo conhecimento e seus saberes, seja pela ação física, discursos violentos em que o outro lhe escapa e assim encobre-lhe a alteridade. Emmanuel Lévinas afirma que “O rosto fala, a manifestação do rosto é um discurso. Aquele que se manifesta, traz segundo a expressão de Platão, ajuda a si mesmo. Ele desfaz a todo instante a forma que oferece” (LÉVINAS, 1988, p. 53). No rastro de Lévinas e do Personalismo de Emmanuel Mounier, Alino Lorenzon (1996, p. 30-31), escreve:

A Identidade e a alteridade pessoais se constroem no afrontamento e na experiência do outro. O melhor espelho para o olhar do homem é o olhar de um outro homem... Um ser entra no campo imediato de minha vida, e tudo é posto em questão unicamente por essa presença”. O outro vem desinstalar meus hábitos e minhas convicções. Meu equilíbrio interior não é mais o mesmo de antes. O outro é uma interrogação no meio do caminho. Eu preciso ser questionado pelo outro. Eu preciso ser interrogado por uma liberdade diferente da minha, a fim de (re) descobrir minha liberdade. As perguntas que me são dirigidas pelo Outro, por suas palavras ou pelo seu olhar, são diferentes daquelas levantadas pelo mundo dos objetos. É que o outro é mais do que uma simples natureza. [...] A presença do outro, contrariamente ao pensamento

³ “[...] estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer ‘suspender’ o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso (BACHELARD, 1978, p. 202).

sartriano, não agride minha liberdade, mas é uma janela para o mundo e um convite ao despertar de minha consciência.

Da Antiguidade grega, Platão em sua obra o *Fedro*, escreve que Sócrates encontra com o jovem discípulo Fedro e rumam para fora dos muros da *pólis*, indicando um afastamento cívico de uma cidade repleta de homens ditos sábios. Ironicamente, Sócrates sabia que pouco podia aprender dentro dos muros da cidade. Fora dos muros da *pólis*, do institucionalizado, diante do ambiente natural, Sócrates elogia a beleza do lugar e poeticamente fala desse espaço, onde o Belo e o Sublime abarcam o jovem Fedro que se interage com o local, encantado pela fala do mestre. Sócrates descreve a frescura da água do rio Ilissos, o ar puro, a melodia do canto das cigarras, a relva frondosa, as figuras míticas, tal qual um estrangeiro que aprecia pela primeira vez uma nova paisagem. Caminharam para tal lugar, para que Sócrates pudesse ouvir o que Fedro tinha para lhe dizer sobre o discurso do retórico Lísias que tanto entusiasmara o jovem. Após ouvir tal discurso na qual Fedro o havia copiado, Sócrates proferiu seus discursos. Como sabemos, o filósofo “(...) não legou à humanidade uma única palavra escrita, pois ao longo de seu caminho, o diálogo, a oralidade foi o seu instrumento filosófico. No embate sobre a Oralidade e a Escrita, na obra *Fedro*, encontramos um dado importante” (SILVEIRA, 2014, p. 113). Dirá Sócrates que a oralidade, o discurso inflamado, o ouvir, o olhar vivo e animado, atento ao outro é capaz de gravar na alma, de inscrever-se nela de tal forma que não precisa escrever. Sócrates pergunta a Fedro:

E agora, dize-me uma coisa: um lavrador inteligente que se interessasse por suas **sementes** e se empenhasse em vê-las frutificar, iria semeá-las, em pleno verão, nalgum jardim de Adônis, para alegrar-se ante o belo espetáculo da germinação em oito dias? Se o fizesse, seria à guisa de divertimento e não oportunidade de algum festival, não é verdade? Porém, as sementes que lhe fossem verdadeiramente caras, confiaria ao terreno apropriado, de acordo com as regras da agricultura, considerando-se felicíssimo se oito meses depois todas elas houvessem germinado com perfeição (PLATÃO, 2007, 276b).

Considerações finais

O encontro é, pois, a abertura para o diálogo, encontro de olhares na qual um vê-se refletido no olhar do outro. A escola é a casa materna, local de excelência dos encontros, das memórias e recordações que devem inscrever na alma de forma que cresçamos humanamente e não ao contrário. Tem a ver com o cuidado de si e do outro, com a *philia*, com a transformação do mestre e do discípulo. Tem a ver com as sementes que são caras e que a educação deve preparar os canteiros, para que estas tenham o direito de germinar e crescer ao seu tempo. Dessa forma, retomemos ao início de nosso texto, no entanto, modificaremos algumas palavras, pois trataremos da casa-escola, casa-ninho, casa-materna, do espaço poético da vida, devendo ficar: (...) de repente o garoto ouviu uma voz: “Oh! Menino sorria! Fique assim!”, disse-lhe a professora. Seguiu-se um beijo na face e um abraço apertado. Os dois de mãos dadas caminharam juntos para a sala de aula, pois a educação será sempre um construir e aprender a morar”.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antonio da Costa Leal, Lília do Vale S. Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

HENRIQUES, F. (Org.). **Paul Ricoeur e a simbólica do mal**. Trad. Irene P. Pardelha, Fernanda Branco, J. M. Rosa. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

LORENZON, A. **Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier**. Ijuí: Editora Unijuí, 1996.

PLATÃO. **Fedro, Cartas e O Primeiro Alcibíades**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universidade do Pará, 2007.

SILVEIRA, C. R. A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sático. Universidade São Francisco (USF- Itatiba-SP), **Revista Horizontes**, v. 32, n. 2, p. 109-119, jul./dez. 2014.